

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA E CINEMA

Desde março deste ano está em funcionamento na UnB um curso regular destinado a formar quadros profissionais para diferentes carreiras cinematográficas.

Este não é um fato totalmente novo na vida universitária e cinematográfica do Brasil. Na Universidade Católica de Minas Gerais funciona já há alguns anos um curso destinado a criar quadros técnicos e artísticos para o cinema. Na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo existe um curso oficial de História e Estética do Cinema vinculado à cadeira de Teoria da Literatura do Professor Antônio Candido. O Instituto Central de Artes da UnB já incluiu no ano passado o estudo do cinema em História da Arte. E praticamente todas as Universidades brasileiras já cogitaram de apreciação cinematográfica em seus cursos de extensão cultural cabendo notar que o mais orgânico e coerente, apesar das insuficiências técnicas de toda sorte, foi o realizado pela UnB nos dois semestres escolares de 1964. Foi ainda na Universidade de Brasília e nesse mesmo ano que foram realizados dois seminários de integração em torno de filmes. As obras escolhidas foram "Hiroshima, mon Amour" de Marguerite Duras e Alain Resnais e "Vidas Secas" de Graciliano Ramos e Nelson Pereira dos Santos. Participaram como relatores principais oito professores dos Departamentos de Psicologia, Letras, Jornalismo e Música.

O resultado imediato desses diversos empreendimentos cinematográficos no quadro da UnB foi variável mas, em última análise, muito estimulante. Vale a pena procurar ver com clareza como foi (e está sendo!) possível levar adiante projetos que normalmente exigiriam recursos materiais e técnicos cuja falta é aqui cruel e sem os quais empreendimentos análogos, no Rio ou São Paulo, seriam condenados a um malogro certo. E refletir ao mesmo tempo sobre o porque de ainda não ter sido possível ensaiar nas duas grandes capitais, onde existem os recursos em questão, algo semelhante ao que está sendo feito em Brasília.

A resposta ao enigma está na natureza da UnB. É sabido que a Universidade de Brasília luta com dificuldades econômicas terríveis que não vem a pelo esmiuçar e que serão, aliás, vencidas em maior ou menor tempo. De qualquer maneira os obstáculos que a UnB encontra para seu desenvolvimento no quarto ano de sua existência são incomparavelmente maiores do que seria razoável imaginar. Essa situação, às vezes de penúria, não exerce porém sobre o organismo propriamente intelectual da UnB a ação debilitante que seria de se temer. Há uma curiosa desproporção entre a mediocridade do desenvolvimento material e o ritmo contínuo da vitalidade cultural. Aqui entra a natureza da UnB. Os termos em que foi concebida são de tal maneira ricos em virtualidade

Paulo Emílio Salles Gomes des que bastou implantar no real alguns dos lineamentos para se manifestar uma impetuosa comovente vontade de existir. É um desses em que o projeto se identifica totalmente as solicitações da realidade, e apenas formulado se encarna harmoniosamente em fato. A força da UnB é querer ser uma Universidade, a primeira que o Brasil conhece.

Nada mais normal, nessa perspectiva, do que o entrosamento na UnB dessa outra força que quer existir, a cultura cinematográfica brasileira, do mercado, elevação do nível do público e ação em seu sentido múltiplo de produção, conquista pedagógica e científica.

Desde fevereiro de 1964, quando graças ao entusiasmo teimoso do Professor Pompeu de Sousa o cinema foi introduzido na UnB, a atividade cultural cinematográfica adquiriu em Brasília uma pulsação de vida relativamente mais intensa do que a manifestada tradicionalmente no Rio ou em São Paulo. E sobretudo com consequências mais permanentes e profundas. Basta atentar para o vínculo que se estabeleceu entre as realizações mais vivas do jovem cinema brasileiro, realizações mais parlamentares que culminou no extraordinário relatório do Deputado Evaldo Pinto a respeito das condições que envolvem o sufocamento do filme brasileiro em nosso próprio mercado.

Apesar da falta de recursos e da timidez, a semente lançada na UnB tornou-se rapidamente conhecida em todos meios culturais cinematográficos do país, acompanhada como era de se esperar pelos inevitáveis exageros. A insatisfação crônica da vida cinematográfica brasileira facilita a criação de muitos compensadores. O fascínio que a experiência brasileira começou a exercer nas imaginações possui porém raízes mais fundas do que a simples esperança veleitaria. As pessoas vinham até aqui, contemplavam a nova Capital e sua Universidade, o que se tentava fazer em matéria de cinema, e adquiriam em determinado momento uma consciência muito funda de que Brasília e a UnB constituem a plataforma de arranque para a cultura cinematográfica brasileira.

É esse sentimento que trouxe para cá Nelson Pereira dos Santos, o maior cineasta brasileiro, e Jean Claude Bernardet, o melhor crítico de cinema do Brasil, e tornou possível, desde já, iniciar a etapa ambiciosa do ensino cinematográfico universitário em Brasília.

É castigada cotidianamente por obstáculos, lacunas e dificuldades que se processa a implantação da cultura cinematográfica em Brasília. Mas apesar de envolvidas pela mesquinha generalizada do tempo presente, Brasília e a UnB permanecem o quadro mais estimulante para o delírio lúcido e eficaz sem o qual a vida perde encanto.